

Excursão ao Paraná

Como parte integrante do programa da I Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia, houve após a realização dessa assembléia, em setembro de 1949, três excursões de caráter geográfico, a três regiões diferentes do Brasil, denominadas: Excursão A, B, e C. A primeira compreendeu parte do território do estado do Rio de Janeiro; a segunda, o estado de Minas Gerais, e a última, o estado do Paraná.

Contou cada excursão com a presença de delegações de países e instituições que se fizeram representar junto à Reunião. Para cada uma dessas viagens de estudos, foi organizado e distribuído com antecedência um guia, onde são traçados os roteiros, e focalizados aspectos de interesse geográfico. Coube ao Prof. ORLANDO VALVERDE, chefe da Secção Regional Leste do Conselho Nacional de Geografia, e que chefiou a excursão C., elaborar o respectivo guia.

Esta excursão contou com todo o apoio e interesse do governo do estado, o qual, por intermédio principalmente da sua Câmara de Comércio e Expansão Econômica, prestou auxílio de toda ordem para a organização das viagens em território paranaense.

Infelizmente, apesar do cuidado com que foi planejada a excursão, motivos estranhos à vontade dos seus organizadores fizeram com que fôsse ligeiramente modificado o projeto inicial, especialmente na parte referente à visita à colônia de Carambeí, que foi suprimida. Em compensação, o governo estadual proporcionou uma viagem aérea de Curitiba a Londrina, que permitiu aos delegados tomarem contacto, embora muito sumariamente, com a importante região cafeeira que é o norte do Paraná.

De Londrina, após uma permanência de um dia nessa florescente cidade, os excursionistas regressaram ao Rio de Janeiro, também por via aérea.

Relação dos participantes da excursão ao Paraná

- Tte.-Cel. MARCO BUSTAMANTE e senhora
— Equador
Prof. WILLIAM G. STARK — Canadá
Prof. ROBERTO GARCIA GACHE — Argentina
Prof. MIGUEL ANGEL MORENO — Argentina

- Cel. PAULO LOPES — Brasil — Inst. Col. Nac.
— Observador
Prof. JOSÉ LACERDA DE ARAÚJO FEIO — Brasil
— Museu Nac. — Observador
Eng. LUÍS DE SOUSA — Rio de Janeiro —
Observador
Dr. MÁRIO MELO — Pernambuco — Obser-
vador
Sr. RENATO PACHECO AMERICANO — I.B.G.E.
Dr. PÉRICLES DE MELO CARVALHO — M.T.I.C.
— Observador
Prof. ROBERTO F. CRISTÓFARO GALVÃO —
Brasil — Assessor
Prof. EMA MARI — Uruguai
Dra. INÉS LUISI DE VILLERO — Uruguai

Conselho Nacional de Geografia

- Prof. ORLANDO VALVERDE — Chefe da Ex-
cursão
Dr. PAULO AUGUSTO ALVES e senhora
Jornalista JOSÉ ALMEIDA
Dr. MÁRIO BELFORT GALVÃO
Cinematografista ARTUR H. C. SINTZENICH
Prof.^a MARÍLIA GOSLING VELOSO
OLMAR GUIMARÃES
Prof.^a ELOÍSA DE CARVALHO.

GUIA DA EXCURSÃO C

Boqueirão (25-9-949)

A colônia de Boqueirão é constituída por 132 famílias menonitas, vindas da Rússia, que se estabeleceram perto de Curitiba em 1933, em terras de campo natural.

Logo de início, os colonos aplicaram um tipo de agricultura intensiva, empregando arado e estêrco, combinando a lavoura à pecuária. O objetivo da produção é o leite, que é vendido em Curitiba. Esta cidade recebe 3/4 do seu suprimento em leite de Boqueirão.

O gado da colônia é quase todo mestiço de holandês com suíço. É guardado em estábulos todas as noites e durante o dia fica solto no pasto natural.

A agricultura consiste principalmente no cultivo de plantas forrageiras, que são suplementadas com forragens importadas de outras partes do estado e de São Paulo.

As casas são boas, limpas e apresentam certo conforto.

Curitiba-Paranaguá
(26-9-1949)

Este percurso será realizado por estrada de ferro, por isso não haverá oportunidade para se fazerem observações minuciosas.

Contudo, poder-se-ão distinguir três tipos de paisagens distintas:

1.º) — Os campos de Curitiba — constituídos de elevações suaves, cobertas de gramíneas com capões de mata de araucária. São também numerosas as várzeas, de solo turfoso, que correspondem aos vales da bacia do alto Iguaçu. A altitude desta região regula entre 900 e 950 metros. Ela se estende até um pouco além da estação de Bahado.

2.º) — A serra do Mar — É o domínio da mata, que teremos oportunidade de apreciar devidamente no percurso de volta pela estrada de rodagem. Neste trecho descortina-se uma paisagem magnífica que domina a baixada, estendendo-se nos dias claros, até o litoral. A serra forma escarpas majestosas que a linha férrea vence por meio de uma série de túneis e viadutos. Desde o trem, o viajante pode aperceber-se melhor de que a encosta da serra não se apresenta num só lance, mas é formada por uma sucessão de níveis diferentes, alguns muito bem caracterizados. Os mais importantes são os de: 900 metros (que corresponde ao prolongamento do nível do Planalto na outra encosta da serra), 750 metros, 430 metros (na estação de Marumbi), 360, 250, 150, 120, 90, 60, 30 e 12 metros. Alcança-se então a cidade de Morretes. Todos estes níveis sugerem que tenha havido uma sucessão de falhas em degrau.

3.º) — A Baixada — A partir de Morretes até Paranaguá, percorre-se o domínio da Baixada. Além do nível de 7,50 metros, que corresponde ao dos sedimentos marinhos mais antigos, é importante apenas o nível dos pântanos, cobertos de mangues e ainda sujeitos à influência das marés.

Alexandra, que se encontra neste trajeto foi uma antiga colônia italiana malograda. O único vestígio desta colonização que se pode observar, é um prédio velho, construído de alvenaria, com dois pavimentos, que denota forte influência da arquitetura italiana.

Paranaguá-Caiubá

Todo o percurso é feito numa baixada. A estrada se desenvolve com grandes lances retilíneos.

1) Trecho Paranaguá ao balneário da Praia de Leste: km. 0 ao km. 25.

Baixada de solo predominantemente arenoso, entremeado de lagoas e pântanos. A vegetação é de mata cerrada, com abóbada foliar de 8 a 12 metros de altura; nela são abundantes as leguminosas, algumas lauráceas e palmáceas. No sub-bosque encontram-se fetos arborescentes de pequeno porte. As aráceas pendem das árvores e ligam os diferentes andares da formação.

Em 1927 foi inaugurado este trecho de estrada com o fim de desenvolver uma vila balneária na Praia de Leste. Foi construído um balneário, hoje em abandono. O projeto faliu; ao longo da imensa praia vêem-se apenas casas de pescadores, cobertas de palha.

2) Trecho balneário da Praia de Leste-Caiubá: km. 25 ao km. 46.

A estrada segue paralelamente à praia, a pouca distância dela, sobre as elevações de dunas consolidadas. Em certos cortes, pode-se observar a estratificação entrecruzada das areias. A vegetação é arbustiva, raquítica e se eleva a uns 5 metros de altura, aproximadamente. É grande o número de espécies halófilas e de epífitas. Este tipo de vegetação recebe o nome local de "nhundu".

Matinhos, no km 43, é uma cidade balneária moderna. Junto das boas casas de material, distingue-se muito bem a antiga concentração de casas de pescadores, miseráveis, feitas de pau-a-pique.

Caiubá é também uma cidade balneária recente, estabelecida sobre a faixa de areia de um tómbolo. Em suas imediações está a ilha do Farol, à entrada da baía de Guaratuba, ligada ao continente por um dique de diorito. Desde essa ilha, pode-se apreciar o alinhamento de falésias situadas a 3 e 7,5 metros acima do nível atual do mar, que indicam um movimento eustático negativo.

Caiubá-Curitiba
(27-9-949)

O regresso de Caiubá até Morretes não oferecerá nenhuma observação nova, salvo uma apreciação mais detida da associação característica do manguezal paranaense, que é constituída pelas três espécies:

- *Laguncularia racemosa*, Gaertn.
- *Avicennia tomentosa*, Jacq.
- *Rhizophora mangle*, L.

Entre Morretes e Pôrto de Cima, o nível de 12 metros tem uma uniformidade absoluta. Ele é formado por sedimentos marinhos, recobertos por sedimentos terrígenos.

A vegetação natural tem cêrca de 10-12 metros de altura e indica condições tropicais de clima. São abundantes a embaúba (*Cecropia* sp) e várias palmáceas: o indaiá (*Atalea indaia*), o palmito (*Euterpe edulis*) e a baba de boi (*Arecastrum romanzoffianum*). Também as plantas cultivadas são indicativas de condições tropicais úmidas, pois as predominantes são a banana e a cana de açúcar. Morretes, aliás, é um conhecido centro de produção de aguardente.

No vale do rio São João aproximamos do nível superior da *Cecropia* e os fetos arborescentes ocorrem em grande número. Êstes também aparecem mais abaixo, porém aí são muito mais raquíticos.

Na parada que se fará na serra da Graciosa, haverá oportunidade de se observar a mata cerrada, luxuriante, que a reveste, deixando somente a nu as escarpas. À proporção que sobe as montanhas, a mata vai ficando gradualmente mais raquítica, até que os topos mais elevados ficam descobertos, formando campos de altitude.

Para o lado norte da estrada o limite superior da mata eleva-se a 1 100 e 1 200 metros, alcançando os seus pontos mais altos ao longo das ravinas.

Não se vê nenhum pinheiro. É uma típica *mata pluvial sub-tropical*. Ela difere da mata pluvial da encosta atlântica por dois aspectos: 1.º as árvores mais altas daquele tipo de floresta têm 8 a 12 metros, ao passo que na segunda alcançam 20 metros ou mais; 2.º a mata sub-tropical tem mais epífitas e menos lianas do que a tropical.

Que esta mata da serra do Mar é original, a simples observação o prova: em primeiro lugar, por causa da variedade de espécies que a compõem; também pela superfície irregular formada pelas copas das árvores mais altas, que prova serem elas de idades diferentes, e, por fim, pelo grande número de epífitas.

O relêvo e a vegetação formaram um meio tão hostil, que o homem, apesar de tê-lo atravessado há mais de 300 anos, nêle não se fixou. A serra do Mar é um sertão bruto, completamente desabitado.

Curitiba-Ponta Grossa (28-9-949)

O itinerário de Curitiba a Ponta Grossa percorre duas regiões bem distintas: a primeira, sôbre o primeiro planalto, ou planalto de Curitiba, é formada, em sua maior parte,

por terrenos cristalinos; em sua vegetação original predominavam as matas. A segunda, no segundo planalto, ou planalto de Ponta Grossa, é constituída exclusivamente de rochas sedimentares e a sua vegetação é de campo. Da primeira para a segunda região sobe-se uma escarpa de cêrca de 200 metros de altura relativa, denominada localmente serra de Purunã.

1) Trecho Curitiba-Serra de Purunã: Km. 0 ao km. 49.

Saindo-se de Curitiba para oeste, entra-se logo em terrenos cristalinos, porque esta capital está situada junto à margem ocidental da bacia sedimentar.

A oeste de Campo Comprido (km. 9), conforme o nome indica, encontra-se outra mancha de campo, que corresponde ao último afloramento de sedimentos quaternários antigos. Daí por diante, só se encontram alguns depósitos de aluviões fluviais recentes, que formam campos de várzeas, com solo negro, turfoso.

Em Passaúna (km. 13) observam-se, em primeiro lugar, quartzitos e gnaisses, depois filitos, muito perturbados, quase sempre com forte inclinação, de idade algonquiana (série Açungui).

Tanto os terrenos arqueanos quanto os algonquianos eram originalmente revestidos por uma floresta mista de pinheiros (*Araucária angustifolia*, (Bertl.) O. Kuntze) e árvores latifoliadas de fôlhas perenes.

Todo o caminho entre Curitiba e Campo Largo (km. 33) é densamente povoado. De cada lado da estrada sucedem-se as casas dentro de seus lotes, com árvores frutíferas: pêras, caquis, uvas, etc. A maioria da população é formada por colonos de origem italiana. A êstes se juntaram contingentes menores de polacos e ucranianos.

No uso da terra predomina absolutamente a rotação milho-capoeira alta. O uso do arado pequeno está generalizado entre os colonos; não obstante, êles não adubam as terras e incendeiam as capoeiras antes da semeadura, geralmente fazendo coivaras (pilhas de galhos, gravetos e fôlhas).

Até Rondinha (km. 29) é comum cruzar-se com caminhões transportando lenha para Curitiba. O excedente da produção de milho dos arredores de Campo Largo é vendido para os moinhos de fubá, que exportam principalmente para Curitiba.

As casas de tôda esta faixa de colônias são, na maioria, de tábuas, com telhado de

dupla inclinação. Elas sugerem que não houve um progresso marcante. Por outro lado, a paisagem agrícola indica que essas terras poderiam ter um aproveitamento mais racional e intensivo: deveria ser introduzido mais gado (quase não se vêem reses); a aplicação do estrume deveria ser introduzida nas lavouras, e dever-se-ia, por fim, fazer uma rotação de culturas, em vez de rotação de terras.

Campo Largo (km. 33) — É uma cidade antiga, de aspecto tradicional luso-brasileiro, fundada no século XVIII por fazendeiros de gado. Tem um traçado regular, em xadrez. Hoje em dia, passa por um surto notável de prosperidade em virtude da industrialização, com ênfase especial na cerâmica.

No km. 36, isto é, 3 quilômetros além de Campo Largo, terminam as colônias e começam a aparecer matas. Vê-se também mais gado. Junto à estrada há duas típicas fazendas luso-brasileiras antigas. São relíquias de um sistema econômico anterior, que prevaleceu no Paraná, ocupando uma área muito maior do que hoje em dia. A preservação das citadas matas deve estar relacionada com êsses latifúndios.

Além da faixa de florestas, estende-se uma zona de rotação milho-capoeira baixa, que vai até a encosta da escarpa do segundo planalto.

2) Serra de Purunã: kms. 45-50.

Entre os kms. 45 e 50 sobe-se a escarpa do 2.º planalto. O arenito Furnas, devoniano, que forma a borda da escarpa, repousa quase horizontalmente, em discordância com as rochas algonquianas empinadas. O contacto é bem visível junto à estrada (km. 49). Êle está, entretanto, muito mais elevado que os níveis superiores do primeiro planalto.

Do alto da escarpa descortina-se belo panorama e, em dias límpidos, pode-se observar a superfície uniforme do planalto de Curitiba bem delimitada de um lado pela serra do Mar, do outro, pela *cuesta* do 2.º planalto.

3) Campos do segundo planalto: kms. 50-141.

O segundo planalto, ou planalto paleozóico, começa na *cuesta* do arenito Furnas (serra de Purunã). A parte leste dêle é constituída por êsse mesmo arenito, que mergulha muito suavemente para oeste. Do lado ocidental, o arenito Furnas é recoberto por sedimentos flúvio-glaciais, em sua maior parte. No itinerário que se percorre êsse arenito só aflora ao longo de 2 quilômetros a partir do

rebôrdio do planalto. Daí por diante, êle só vem a aflorar em alguns leitos de rio, como no do rio dos Papagaios (km. 64).

O relêvo do 2.º planalto é suavemente ondulado. O horizonte é vasto sôbre o manto de campos limpos que se estende em tôdas as direções. Aqui e ali, numa ou noutra bacia de recepção, vêem-se capões de matas com pinheiros. Na parte leste do planalto há menos capões e os pinheiros são mais baixos. No trecho a oeste, os capões são mais frequentes e maiores, formando às vêzes verdadeiras matas de encosta. O motivo desta diferença é que na parte oeste os solos são melhores do que a leste.

De modo geral, os solos do 2.º planalto são muito finos, exceto nos vales, onde a terra negra, turfosa, é bastante espessa, mas excessivamente ácida. Na parte oeste, entretanto, os sedimentos glaciais são mais argilosos, por isso armazenam bem a água, e mais heterogêneos, pôsto que o material contido nas argilas flúvio-glaciais fornece maior quantidade de sais minerais.

Na faixa oriental do 2.º planalto, os campos são usados para a pecuária extensiva. Predominam aí os grandes latifúndios de criação. Vêem-se enormes áreas de campo inteiramente despovoadas, com pequenos rebanhos de bovinos. Êsses pastos naturais só podem sustentar uma população pecuária muito reduzida: a sua capacidade é de uma cabeça de gado para cada 3 alqueires (cêrca de 7 hectares).

Embora as reses tenham pêlo luzidio, devido à ausência de bernes, o gado não é de boa qualidade, apresentando alguma mestiçagem com zebu.

Palmeira (km. 96) — É uma cidade antiga, fundada no século XVIII, pelos paulistas que aí se instalaram com fazendas de gado. O sítio primitivo da cidade foi no local denominado Tamanduá, na margem oposta do rio dos Papagaios. A cidade instalou-se no seu sítio atual no início do século passado. As numerosas casas de estilo luso-brasileiro atestam a antiguidade do povoamento.

Ao redor de Palmeira, análogamente ao que se tinha feito em volta de outras cidades do Paraná (Curitiba, Ponta Grossa, Lapa, etc.), foi tentada a colonização com elementos estrangeiros. Na década de 1870 chegaram os colonos alemães do Volga que, por sua livre escolha, preferiram as terras de campo natural. Foram assim fundadas as colônias de Pugas, Quero-Quero e Lago.

Lago (km. 106) foi fundada em 1878. Os colonos teuto-russos dedicaram-se à agricultura aplicando os mesmos métodos a que estavam habituados na estepe russa. O resultado foi uma falência completa. Quase todos então emigraram para o estrangeiro ou foram tornar-se carroceiros nas cidades. Das 60 e poucas famílias iniciais só 3 ficaram em Lago. Mais tarde, outros teuto-russos saídos de Pugas vieram juntar-se a elas. Existem hoje cerca de 30 casas no povoado. Os povoados de alemães do Volga constituem raros exemplos no Brasil de *habitat* de tipo concentrado.

Ponta Grossa (km. 141) — Nos planaltos das zonas tropicais e sub-tropicais, a lei geral é de que as cidades se situem em função da borda da mata. No Planalto Central do Brasil, são numerosos os exemplos de cidades que marcam o contorno das áreas em que as matas cobrem superfícies contínuas. Nas partes em que predominam os campos, os aglomerados se situam nas bacias de recepção, que, por serem em geral revestidas de florestas, vão também dar origem a cidades de borda de mata.

Chamam-se bacias de recepção as depressões que se encontram nas nascentes dos cursos d'água causadas pela erosão das fontes e por *creeping*. Correspondem ao que os geógrafos de língua inglesa denominam *dales* e os alemães, *Dellen*. As *dales* oferecem, para a construção de aglomerados humanos, os seguintes elementos favoráveis: água, madeira, proteção contra o vento, terra fértil e topografia suave.

Ponta Grossa é uma típica cidade de *dale*. A sua posição está relacionada com os campos e a estrada de animais que vinham do sul para São Paulo. Essa estrada é hoje a sua rua mais antiga. O sítio da cidade foi escolhido no ponto em que a estrada atravessa a *dale*, onde se constituiu, a princípio, um pouso.

Estando a bacia de recepção voltada para leste, ela protegia a cidade dos ventos do sul, que são os mais fortes. Com o crescimento a cidade extravasou da *dale* no lado sul, em terras de mata.

Vila Velha
(29-9-949)

As depressões fechadas

No caminho para Vila Velha, em certas encostas revestidas de gramíneas podem-

se observar pequenas depressões muito discretas, rasas, cuja origem é difícil de explicar.

Na fazenda Lagoa Dourada, hoje ocupada pelo Hórto Florestal, têm-se à esquerda da estrada três enormes buracos, como se fôsem poços gigantescos, com suas paredes verticais. Dois deles têm lagoa no fundo e o mais próximo da estrada é seco, mesmo quando ocorrem chuvas torrenciais. A segunda cavidade tem cerca de 50 metros do rebôrdo à superfície da lagoa, e esta tem 52 metros de fundo. Os paredões deixam ver a estratificação horizontal sem qualquer sinal de perturbação. A outra cavidade, enfim, mede 80 metros do rebôrdo à superfície d'água.

É interessante o fato de que as três cavidades se alinham num pequeno vale, no qual, segundo o testemunho de conhecedores, existem mais duas.

Ora, o tipo clássico de dolina, ocorre somente em calcário e suas encostas são muito mais suaves. As cavidades originadas por uma explosão vulcânica têm em suas margens pequenas elevações formadas por material vulcânico, que às vêzes, enche tôda a cavidade.

A hipótese da queda de um bólido, poderia ser levantada se não fôsem tantas as cavidades. Contudo, o buraco feito pela queda de um corpo tem forma diferente e é cercado por um rebôrdo levantado, o que não acontece no caso em questão.

Na beira da lagoa Dourada existe a explicação dos fatos: verifica-se que há a circulação subterrânea. Esta é gerada provavelmente pela dissolução de calcários profundos (da série Açungui) e deve ser a causa principal desses desabamentos da capa de arenito.

As formações ruinfornas

Vila Velha, conforme o nome o diz, é um conjunto de grandes blocos de arenito que faz lembrar o aspecto de uma cidade em ruínas. O problema da gênese e da idade dessa formação tem levado geógrafos e geólogos a longas discussões.

Idade do Arenito de Vila Velha — O arenito que forma Vila Velha tem sido comumente identificado como arenito Furnas, de idade devoniana. MAACK, no seu livro *Geologia e Geografia da Região de Vila Velha* faz a distinção entre os dois arenitos, Vila Velha e Furnas, e datou o primeiro como carbonífero. Nesse livro, o autor demonstra

como o arenito Furnas é um depósito de praia de um mar epicontinental, sendo portanto um depósito de águas salgadas. Já o arenito Vila Velha, com sua estratificação imbricada, indica ter sido depositado pelas águas turbulentas do degelo. É por conseguinte, um depósito de águas doces.

Tudo isto poderia ser considerado uma distinção problemática, se MAACK não tivesse encontrado, na base do arenito Vila Velha e acima do arenito Furnas, camadas de varvitos. Os varvitos são depósitos finos, sedimentados em águas doces e tranquilas. Eles correspondem aos sedimentos dos lagos de geleira que se formaram nesse lugar depois da regressão do mar epicontinental. Se fôr aceito que essa glaciação se deu no período carbonífero, então não resta dúvida de que Vila Velha é de idade carbonífera.

Vila Velha exhibe um grande número de formas bizarras, esculpidas pela natureza: o Camelo, o Castelo, o Urso, a Esfinge, o Cálice, o Pinguim, etc. As formas salientes resultam da camada superior do arenito que é resistente, protetora, enquanto em baixo a mesma rocha é tenra, permitindo formar contornos reentrantes. A formação da camada superior processou-se da maneira seguinte: a água da chuva infiltrou-se no arenito e, num período seco, subiu por capilaridade e precipitou, originando uma crosta de óxido de ferro e óxido de manganês. Esta explicação não pressupõe que tenha havido um clima mais seco que o atual, porquanto bastam poucos dias sem chuva para que a precipitação dos óxidos ocorra.

Outro motivo para certa controvérsia tem sido a verificação do processo erosivo-pluvial ou eólico — que teria modelado as formas de Vila Velha.

A hipótese da erosão pluvial fica desde logo mais simpática, quando se considera que a precipitação em Vila Velha é de cerca de 1 500 milímetros por ano.

Os alvéolos que se formam nas paredes de arenito pela infiltração da água são, por sua vez, outro argumento favorável à erosão pluvial. Também as caneluras verticais que se formam nas paredes são uma prova incontestável da ação da água.

Na parte superior do arenito, a chuva, pela ação do choque e pela dissolução, forma cavidades pequeninas, depois verdadeiros *lapiez*. Entre eles, a rocha remanescente, protegida por uma fina camada superficial endurecida, toma formas estranhas, às vêzes

contorcidas. Nada disso seria possível se o vento tivesse qualquer função no modelado das formas de Vila Velha.

Por fim deve-se acrescentar que o vento só tem importância como agente modelador do relevo nas regiões em que éle sopra carregado de partículas, cuja fricção opera como verdadeira lixa. Ora, numa superfície tôda coberta por um manto contínuo de gramíneas, o vento encontra muito pouco material para trabalhar na corrosão.

Outros fatos merecem ainda consideração num estudo sobre Vila Velha.

As aberturas que formam as “ruas” de Vila Velha são originadas por diáclases, que facilitam o processo erosivo das chuvas. Essas diáclases estão orientadas nas seguintes direções: 20-30°, 60° e 320°.

As geadas são frequentes durante dois meses no ano, em Vila Velha.

Nessa época, a água que se infiltra na rocha, congela até alguns milímetros de espessura, e, dilatando-se, causa uma desagregação da crosta superficial do arenito.

Carambeí

É uma colônia holandesa situada nos Campos Gerais do Paraná. Foi organizada por iniciativa particular: pela Companhia Inglesa que construiu a Estrada de Ferro que liga São Paulo ao Rio Grande. A colônia só veio a prosperar na década de 1930. Os colonos dedicam-se à produção de laticínios, que são vendidos em Curitiba, Ponta Grossa e Castro.

Carambeí constitui uma colônia exemplar, que serve de paradigma pelos métodos agrícolas intensivos que emprega. O gado holandês pasta no campo natural e em pastos cultivados; à noite é guardado em estábulos.

O tamanho médio da propriedade é de 50 a 200 hectares. As casas de Carambeí estendem-se ao longo de uma única rua, que se prolonga por cerca de 15 quilômetros, no tôpo de uma elevação suave.

Quase todos os colonos são de religião protestante. Suas casas são limpas, confortáveis e de bom aspecto.

O. V.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — BICARELLA, J. J. — “Contribuição ao Estudo da Planície Litorânea do Estado do Paraná”.
Bol. Geogr., ano V, n.º 55, out. 1947, pp. 747-779.

2 — MAACK, R. — “Breves notícias sôbre a geologia dos estados do Paraná e Santa Catarina”.

Separata dos *Arqs. de Biol. e Tecnol.*, 168 pp., ils., mapas, bibliogr. Curitiba Imprensa Paranaense SA, 1947.

3 — MAACK, R. — “Geologia e geografia da região de Vila Velha e considerações sôbre a glaciação carbonífera no Brasil”.

Arqs. do Museu Paran., vol. V, 305 pp., 2 perfis anexos, 12 esboços, 44 figs. no texto e 115 fotos. Curitiba, 1946.

4 — Secretaria de Obras Públicas, Viação e Agricultura — “Guia Turístico Rodoviário do Estado do Paraná”, 77 pp., 1 mapa. Curitiba, Jan. 1942.

5 — WAIBEL, L. — “Princípios da Colonização Européia no Sul do Brasil”. Inédito. A ser publicado na *Rev. Bras. Geog.*

Quinta Assembléia Geral Ordinária da Associação dos Geógrafos Brasileiros

Belo Horizonte foi a sede da Quinta Assembléia dos Geógrafos Brasileiros realizada na capital mineira de 23 a 31 de janeiro do corrente ano.

Esse certame de caráter científico e cultural reuniu na metrópole montanhosa nada menos de 60 cientistas e geógrafos e foi prestigiado com a presença dos professores FRANCIS RUELLAN (sócio honorário) membro do “College de France” que de há muito se encontra entre nós, prestando serviços relevantes ao Conselho Nacional de Geografia e à Universidade do Brasil, Prof. PRESTON E. JAMES da “Syracuse University”, nos Estados Unidos, JORGE CHEBATAROFF, do Instituto de Investigações do Uruguai e presidente da “Asociación de los Geógrafos del Uruguay” e ALBERTO POCHINTESTA, secretário-geral da mesma entidade.

Dirigiu os trabalhos da assembléia o Prof. JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, presidente da A.G.B., cabendo a presidência de honra ao doutor MILTON CAMPOS, governador do estado de Minas Gerais, que emprestou o seu valioso concurso ao memorável congresso.

Numerosas teses e comunicações foram debatidas nessa reunião de geógrafos, constituindo ponto alto dos trabalhos as visitas realizadas à região de Lagoa Santa e à gruta de Lapinha. Três turmas de congressistas promoveram pesquisas de campo, distribuindo-se em três zonas diferentes: 1 — a região de Belo Horizonte (estudos de geografia urbana); 2 — a região de Barão de Cocais (estudos de geografia humana); 3 — a região do Caraça (estudos de geografia física).

Êsses três grupos de excursionistas foram orientados, respectivamente, pelos Profs. DIRCEU LINO DE MATOS, AROLD DE AZEVEDO e FRANCIS RUELLAN, os quais tiveram oportunidade de apresentar na própria assembléia os relatos preliminares das suas pesquisas.

Avultado e expressivo foi o número de contribuições apresentadas na assembléia de Belo Horizonte, conforme se verifica da relação abaixo: 1. *Nota sôbre a cidade de Diamantina e seus habitantes*, de LÍCIA CAVALCANTI BERNARDES; 2. *Contribuição à metodologia do trabalho de campo*, de ALCEU MAGNANINI; 3. *Nota de uma excursão ao Pantanal matogrossense*, de SULAMITA BRITO e CASTRO; 4. *Um estudo de geografia humana: Veredeiros e Geralistas*, de PEDRO P. GEIGER; 5. *Núcleo Colonial de Santa Cruz*, de SPERIDIÃO FAISSOL; 6. *Melo Leitão e a Geografia*, de JOSÉ LACERDA DE ARAÚJO FEIO; 7. *Aspectos da vegetação em Diamantina*, de DORA AMARANTE ROMARIZ; 8. *Variações do nível do mar ao longo do litoral da África Ocidental*, de ANTÔNIO TEIXEIRA GUERRA; 9. *Toponímia: suas regras e evolução*, de EVERARDO BACKHEUSER; 10. *Evolução da cidade de Franca* (primeiros estudos), de PASQUALE PETRONE; 11. *As chácaras paulistas*, de ALICE P. CANABRAVA; 12. *A cultura da banana na baixada do Itanhaém*, de JOSÉ RIBEIRO DE ARAÚJO FILHO; 13. *As regiões climático-botânicas do Brasil*, de AROLD DE AZEVEDO; 14. *Étude préliminaire sur la répartition des indices spléniques et parasitaires de la malaria dans l'État de Goiás en relations avec les conditions géographiques*, de ANNETTE RUELLAN; 15. *Bases geológicas del relieve uruguaió*, de ALBERTO POCHINTESTA;